



As metamorfoses do conceito de inconsciente na metapsicologia freudiana

The metamorphoses of the concept of the unconscious in Freudian metapsychology

Fátima Caropreso¹

Resumo: O inconsciente é uma noção que se reveste de diversos significados no contexto da obra freudiana. Esses significados derivam das articulações internas estabelecidas com outras noções metapsicológicas, cuja reformulação constante baliza o desenvolvimento de sua teoria. Freud define, inicialmente, o conceito de inconsciente em sentido dinâmico e, em seguida, o complementa com a noção de inconsciente em sentido sistemático. Contudo, na etapa final da obra, ele percebe as limitações dessa última noção e reformula sua teoria, mantendo apenas a acepção dinâmica. Esse aspecto, por sua vez, é pensado em um contexto diferente daquele em que fora formulado inicialmente. Esse artigo tem como objetivo acompanhar a evolução e as metamorfoses do conceito de inconsciente ao longo do percurso da reflexão metapsicológica freudiana, com o intuito de obter uma visão mais precisa de seu sentido.

Palavras-chave: Freud; metapsicologia; inconsciente; aparelho psíquico; repressão.

Abstract: The unconscious is a concept that presents several different meanings in the context of Freud's work. These meanings are related the internal articulations established with other metapsychological notions, whose constant reformulation marks off the development of his theory. Freud, at first, defines the concept of unconscious in a dynamic sense and then complements it with the notion of unconscious in a systematic sense. However, in the final stage of his work, he realizes the limitations of the latter and changes his theory, keeping only the dynamic sense of the unconscious. This aspect, in turn, is thought of in a different context from the one in which it was initially formulated. The objective of this article is to follow the development and metamorphoses of the concept of unconscious in the course of Freud's metapsychological reflection, in order to obtain a more accurate view of its meaning.

Keywords: Freud; metapsychology; unconscious; mental apparatus; repression.

1 Professora do Departamento de Psicologia e dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e em Filosofia da UFJF. Editora-chefe da *Revista Psicologia em Pesquisa*. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

O conceito de inconsciente não recebeu uma definição unívoca na teoria de Freud. O sentido dessa noção, ao longo dos diversos momentos do pensamento freudiano, dependeu dos vínculos teóricos estabelecidos com outros conceitos metapsicológicos, além de suas definições segundo os diversos pontos de vista que compõem a abordagem metapsicológica. Tal conceito é introduzido no *Projeto de uma psicologia*, texto escrito em 1895 e publicado em 1950, no qual é apresentada a noção de inconsciente em sentido *dinâmico*. No capítulo 7 de *A interpretação dos sonhos*, de 1900, assim como na carta a Fliess de 6 de dezembro de 1896, conhecida como *Carta 52*, Freud formula a concepção de inconsciente em sentido *sistemático*. Os desenvolvimentos posteriores do conceito se encontram nos *Artigos metapsicológicos*, publicados entre os anos de 1915 a 1917, em *Além do princípio do prazer*, de 1920, e em *O eu e o isso*, de 1923. O objetivo desse artigo é acompanhar a evolução e as metamorfoses do conceito ao longo do percurso da obra metapsicológica freudiana, com o intuito de obter uma visão mais precisa do mesmo.

A formulação inicial do conceito de inconsciente

O termo inconsciente é usado em três sentidos na psicanálise – o descritivo, o dinâmico e o sistemático – como esclarece Freud (1982b). Em sentido descritivo, tal termo designa um processo psíquico que, embora não esteja presente na consciência, continue presente na vida mental. Assim, seria possível usar o termo inconsciente em sentido descritivo desde que se partisse da suposição de que, na ausência da consciência, continuariam existindo processos mentais. No entanto, além da possibilidade de continuarem existindo, os sintomas das neuroses, assim como o fenômeno da sugestão pós-hipnótica, teriam revelado que as representações inconscientes mantêm sua capacidade de ação, ou seja, revelaram que existe um psíquico inconsciente e *efetivo*. Com isso, passa-se de uma concepção descritiva para uma dinâmica. O terceiro sentido atribuído ao termo inconsciente na psicanálise é o sistemático. Segundo Freud (1982b), a análise dos sonhos mostrou que os processos mentais que não possuem acesso à consciência são governados por leis diferentes e, portanto, possuem propriedades peculiares, que os distinguem daquelas presentes na parte do psiquismo que tem acesso à consciência. Para demarcar essa diferenciação, é que é introduzida a hipótese de sistema inconsciente.

Embora encontremos em *Sobre a concepção das afasias* (Freud, 1891), texto considerado inaugural da metapsicologia (Simanke, 2006), a gênese de alguns conceitos metapsicológicos basilares, como o de *representação* e o de *aparelho*, não se encontra ainda formulada nesse texto a ideia de uma mente inconsciente. Freud sustenta que todo mental seria consciente e que haveria uma relação de *concomitância* entre o psíquico e uma parte dos processos cerebrais. Ele adota a *doutrina da concomitância* do neurologista inglês Hughlings Jackson (1884), de acordo com a qual os processos mentais, ou conscientes, e os processos cerebrais ocorreriam paralelamente, sem que houvesse interferência de um sobre o outro. Nos textos sobre as neuroses dos anos que se seguem, percebemos que a identificação entre o mental e o consciente começa a ser questionada (Caropreso, 2008). No entanto, Freud não chega a descartá-la claramente, o que ele faz apenas no *Projeto de*

uma psicologia. Na seguinte passagem desse texto, Freud afirma que os processos psíquicos existem independentemente da consciência:

Temos tratado os processos psíquicos como algo que possa prescindir do conhecimento dado pela consciência, existindo independentemente de tal consciência (...). Se não nos deixarmos desconcertar por tal fato, segue-se desse pressuposto que a consciência não proporciona nem conhecimento completo, nem seguro dos processos neurônicos; cabe considerá-los em primeiro lugar e em toda a extensão como inconscientes e cabe inferi-los como as outras coisas naturais (Freud, 2003, p. 187).

O autor elabora, nesse momento, a hipótese de um aparelho neuronal, que descreve processos que ocorreriam no sistema nervoso e que poderiam ser relacionados a regiões anatómicas do mesmo. Tal aparelho seria constituído por três sistemas de neurônios: o sistema de percepção (sistema f), o sistema de memória (sistema y), e o sistema responsável pelo surgimento de qualidades sensoriais (sistema w). Os processos associativos que ocorressem no sistema y seriam as próprias representações – e não os concomitantes fisiológicos das representações, como havia sido sustentado em “Sobre a concepção das afasias” – e tais processos seriam totalmente independentes da consciência. Apenas aquelas representações que despertassem “signos de qualidade” no sistema w e cujos signos de qualidade fossem focalizados pelo mecanismo da “atenção” se tornariam conscientes.²

Freud argumenta que a consciência seria o *lado subjetivo* dos processos de w, o que parece indicar que ela consistiria em um fenômeno que se daria em paralelo aos processos cerebrais que constituíssem as representações. Na seguinte passagem do *Esboço de psicanálise* (Freud, 1998d), a suposição de um paralelismo entre os processos inconscientes e os conscientes é defendida:

(...) esses processos conscientes não formam séries sem lacunas, fechadas em si mesmas, de modo que não haveria outra alternativa a não ser adotar a suposição de uns processos físicos ou somáticos concomitantes do psíquico, aos quais parece necessário atribuir uma perfeição maior do que às séries psíquicas, pois alguns deles têm processos conscientes paralelos e outros não. Isso sugere, de uma maneira natural, por o acento, na psicologia, sobre esses processos somáticos, reconhecer neles o psíquico genuíno e buscar uma apreciação diversa para os processos conscientes. (Freud, 1998b, p.155)

Segundo o que é afirmado nessa passagem, os fenômenos conscientes seriam paralelos aos processos cerebrais que constituiriam o psíquico inconsciente. Freud usa também o termo concomitante, o que sugere que, para incorporar a noção de psíquico inconsciente em sua teoria, ele tenha deslocado a relação de concomitância que, em *Sobre a concepção das afasias* (1891), ele supunha existir entre uma parte dos processos cerebrais

² Uma explicação mais detalhada das concepções freudianas sobre a consciência pode ser encontrada em Caropreso (2016).

e o psíquico, para entre os processos mentais inconscientes e os conscientes. Os processos nervosos, que antes seriam os concomitantes fisiológicos do mental, são identificados à mente inconsciente e a série paralela, que correspondia a todo o mental, é mantida, mas passa a corresponder a apenas uma parte deste, isto é, à sua parte consciente (Caropreso, 2018).

O conceito de inconsciente, introduzido no *Projeto...*, corresponde ao inconsciente *dinâmico*, definido por Freud (1982b) em *Nota sobre o conceito de inconsciente na psicanálise*. Existiriam representações que permaneceriam insuscetíveis de consciência, mas continuariam ativas e poderiam produzir efeitos na consciência. Assim, no *Projeto...*, surge a possibilidade de uso do termo inconsciente em sentido descritivo, assim como a concepção de inconsciente dinâmico. Já a noção de inconsciente enquanto um sistema é introduzida na carta a Fliess de 6 de dezembro de 1896 e em *A interpretação dos sonhos*.

O conceito de sistema inconsciente

No *Projeto...*, já estava presente a possibilidade de uma representação permanecer insuscetível de consciência e ativa, mas não havia ainda a ideia de que as representações que permanecessem em tal estado fossem regidas por leis diferentes daquelas que regem os demais processos mentais. A representação é pensada como correspondendo a um processo associativo; contudo, esse processo seria basicamente o mesmo no caso da representação suscetível e no da insuscetível de consciência. Na carta 52 e no capítulo 7 de *A interpretação dos sonhos*, Freud modifica essa suposição.

Na carta 52, o autor faz algumas conjecturas sobre a organização e a gênese do aparelho psíquico que, como apontou Laplanche (1981), podem ser consideradas como fazendo uma ponte entre o aparelho neuronal do *Projeto...* e o aparelho psíquico proposto no capítulo 7 de *A interpretação dos sonhos*. Ele propõe que o mecanismo psíquico se forma a partir de um processo de estratificação sucessiva, isto é, que os traços mnêmicos são sujeitos a reordenações, de acordo com novos nexos, de tempos em tempos. Essas *retranscrições* dariam origem a diferenciações no sistema de memória, as quais representariam a operação psíquica de épocas sucessivas da vida. Segundo Freud, haveria no mínimo três tipos de transcrições, as quais são representadas no esquema como *Ps* (signos de percepção), *Icc* (inconsciência) e *Prcc* (pré-consciência). Esses sistemas estariam situados entre o órgão responsável pela percepção (P) e a via motora (M) e, em cada um deles, as representações estariam ordenadas de acordo com princípios associativos diferentes.

No sistema y do *Projeto...*, toda facilitação seria determinada pela simultaneidade da incidência da quantidade nos neurônios e, portanto, a constituição das representações, assim como a associação entre representações, se daria de acordo com relações de simultaneidade. Na carta 52, Freud sustenta que há associações que ocorrem de acordo com outros tipos de relações, como a causalidade³, e que a simultaneidade é o princípio ativo apenas no primeiro sistema de memória. O nível mais elevado de organização das representações – o pré-consciente – seria aquele em que as representações das palavras estariam presentes.

3 Freud afirma que a causalidade talvez seja o princípio associativo o sistema inconsciente.

Nesse nível, o pensamento poderia se tornar consciente, a partir da ativação alucinatória das associações que compusessem as palavras.

Como comentamos, no *Projeto...*, a inconsciência designa um estado da representação e não o pertencimento a um grupo psíquico com características próprias. Pode-se dizer que uma representação *é* ou *está* inconsciente, podendo ou não vir a se tornar consciente, mas não que ela *está no* inconsciente. Na carta 52, Freud começa a propor a hipótese de inconsciente como um sistema de representações diferenciado, regido por um princípio associativo específico, a qual continua sendo elaborada no capítulo 7. No entanto, não é possível identificar o sistema inconsciente com o psíquico inconsciente nem com o psíquico insuscetível de consciência, pois as representações que compusessem tal sistema constituiriam apenas uma parte deste último, uma vez que aquelas do sistema Ps tampouco poderiam se tornar conscientes pela via normal do pensamento. Esta última potencialidade estaria presente apenas nas representações do pré-consciente, devido ao vínculo destas com as palavras. Assim, com o desdobramento do sistema de memória proposto nesse momento, a diferenciação entre inconsciente suscetível e insuscetível de consciência recebe uma representação tópica. O inconsciente e os sistemas que o precedessem representariam este último e o pré-consciente representaria o primeiro. Além disso, Freud acrescenta a hipótese de que os dois grupos seriam organizadas segundo princípios associativos diferentes.

Na seção B e *A interpretação dos sonhos*, é retomada a ideia da existência de vários sistemas de memória. Na carta 52, ele dissera que não sabia quantos sistemas haveria, no mínimo três, provavelmente mais. No esquema do capítulo 7, outros sistemas de memória são incluídos entre o sistema de percepção e o do inconsciente. Nesse texto, contudo, ele esclarece que a representação tópica dos sistemas – isto é, a representação destes como lugares diferentes no aparelho – é uma representação auxiliar utilizada com fins didáticos e que, na verdade, os sistemas correspondem a processos diferentes. No início da seção F, ele afirma:

Se as consideramos com maior atenção, as elucidações psicológicas da seção anterior não nos sugerem a suposição da existência de dois sistemas perto do extremo motor do aparelho, mas sim de dois processos ou de dois modos no decurso da excitação. Para nós dá na mesma; sempre devemos estar dispostos a abandonar nossas representações auxiliares quando nos acreditamos em condições de substituí-las por alguma outra coisa que se aproxime mais da realidade desconhecida”.(Freud, 1900, p. 578)

Os dois últimos sistemas mnêmicos – entre os quais se situaria uma censura – seriam o Inconsciente (Icc) e o Pré-consciente (Prcc). Este último estaria ligado à consciência e governaria o acesso à motilidade voluntária. Como Freud afirma na passagem acima, tais sistemas corresponderiam a dois tipos de processos: o inconsciente corresponderia ao processo primário, que se caracterizaria pelo livre fluxo de quantidade, e o pré-consciente corresponderia ao processo secundário, que se caracterizaria pela retenção de uma parte

da excitação nas representações. Freud argumenta que, apesar de ser uma representação menos rigorosa, a representação tópica deveria continuar sendo utilizada, pois ela figura de maneira mais simples a diferenciação em questão.

A representação dos sistemas como dois lugares diferentes seria, portanto, apenas uma forma de representar a diferença entre o âmbito mental suscetível e o insuscetível de se tornar consciente, mas não a única, nem a melhor, pois, segundo o autor, a representação dos sistemas como dois tipos de processos se aproximaria mais da *realidade desconhecida*. Desse modo, embora no capítulo 7 Freud use o termo sistema como sinônimo de lugar, a caracterização da noção de inconsciente sistemático apresentada em 1912 parece não permitir essa identificação (Caropreso, 2010).

O processo primário estaria presente no aparelho desde sua origem e o processo secundário se estabeleceria pouco a pouco, a partir da inibição do primário. Freud afirma que: “(...) os primários estão dados naquele desde o começo, enquanto os secundários só se constituem pouco a pouco no curso da vida, inibem os primários, se superpõem a eles, e, talvez, somente na plena maturidade consigam submetê-los ao seu total império” (Freud, 1982a, p.572). Essa inibição, no entanto, não seria total e uma parte das representações do processo primário não seria integrada ao processo secundário. Assim, mesmo no funcionamento psíquico normal, o processo primário e o secundário coexistiriam, embora o segundo mantivesse o primeiro sob inibição.

As representações que comporiam o processo primário (no Icc) seriam de dois tipos: as reprimidas – ou seja, aquelas que foram incorporadas ao processo secundário, mas acabaram sendo excluídas desse processo, devido à impossibilidade de se evitar o desprazer por elas evocado – e as moções de desejo desde sua origem inconscientes, isto é, aquelas que nunca foram integradas ao processo secundário. Sendo assim, podemos dizer que o conteúdo do sistema inconsciente, ou do processo primário, seria de dois tipos: moções de desejo que sempre pertenceram ao inconscientes e representações reprimidas. Por se tratar de tipos diferentes de processos, o psíquico insuscetível e o suscetível de consciência apresentariam propriedades diferentes. O primeiro seria atemporal, indestrutível, seria regido unicamente pelo princípio do prazer e não conheceria a negação e a contradição. O segundo levaria em consideração a realidade externa, seria destrutível, comportaria a ideia de tempo e conheceria a negação e a contradição. Nos *Artigos metapsicológicos*, Freud dá continuidade à elaboração dessas hipóteses.

Desenvolvimentos do conceito de sistema inconsciente

Na teoria sobre o aparelho psíquico desenvolvida nos artigos metapsicológicos, apenas os sistemas Icc, Prcc e Cc continuam presentes; os demais sistemas de memória, incluídos nos esquemas da carta 52 e do capítulo 7 entre o órgão responsável pela percepção e o sistema inconsciente, não voltam a ser mencionados. Na seção F do capítulo 7, Freud afirmara que a diferenciação entre os sistemas corresponderia, na verdade, à diferenciação entre dois tipos de processos. Essa hipótese é mantida nos artigos metapsicológicos, porém um novo elemento é acrescentado.

Em “O Inconsciente”, Freud (1982e) se pergunta se a passagem do sistema Icc ao Prcc acontece mediante novas transcrições das representações – suposição esta que ele chama de *tópica* – ou mediante uma mudança de estado, mediante o surgimento de um modo de ocupação diferente das mesmas representações – suposição esta que ele chama de *funcional*. O autor responde essa questão apenas na última parte do artigo, onde, a partir da análise das manifestações das neuroses narcísicas, ele chega à seguinte conclusão:

[...] acreditamos saber agora onde reside a diferença entre uma representação consciente e uma inconsciente. Elas não são, como acreditávamos, diversas transcrições do mesmo conteúdo em lugares psíquicos diferentes, nem diversos estados funcionais de ocupação no mesmo lugar, se não que a representação consciente abrange a representação-coisa mais a correspondente representação-palavra, e a inconsciente é a representação-coisa somente. O sistema Icc contém as ocupações de coisa dos objetos que são as ocupações de objeto primárias e genuínas; o sistema Prcc nasce quando essa representação-coisa é sobre-ocupada pelo enlace com as representações-palavra que lhe correspondem. Tais sobre-ocupações, podemos conjecturar, são as que produzem uma organização psíquica mais alta e possibilitam a rendição do processo primário pelo secundário, que governa no interior do Prcc (...) A representação não apreendida em palavras, ou o ato psíquico não sobreocupado, fica então para trás, no interior do Icc, como algo reprimido”.(Freud, 1982e, p. 160)

Nesse momento, Freud retoma os conceitos de representação-palavra (*Wortvorstellung*) e representação-objeto (*Objektvorstellung*), formulados em “Sobre a concepção das afasias”, para explicar a diferenciação entre representações pré-conscientes e inconscientes.⁴ Embora esses conceitos não sejam plenamente esclarecidos, é possível inferir que o que ele chama, nos artigos metapsicológicos, de representação-coisa (*Sachvorstellung*) corresponde ao que é chamado de representação-objeto em 1891. Em *O Inconsciente*, a representação-objeto passa a designar o par constituído pela representação-palavra associada à representação-coisa.

Segundo o que Freud afirma na passagem acima, enquanto houvesse apenas representações-coisa no aparelho psíquico, apenas o processo primário estaria presente. Em um segundo momento, as representações-palavra se constituíam e se associavam a uma parte das representações-coisa, sobreocupando-as. Como consequência, surgiria no aparelho um nível de organização superior, o processo secundário. Assim, o sistema Icc corresponderia ao processo primário, do qual apenas representações-coisa fariam parte, e o sistema Prcc corresponderia ao processo secundário, do qual fariam parte representações-coisa associadas a representações-palavra. A novidade em relação ao capítulo 7, ao que parece, é que Freud especifica, em 1915, que é a palavra que possibilita a ligação da excitação em estado livre, ou seja, que o surgimento do processo secundário é uma consequência da

4 Embora Freud se refira à representação “consciente” e não à “pré-consciente”, é da representação pré-consciente que ele está falando nessa passagem. Nessa parte do texto, ele não diferenciou ainda entre os sistemas Cc e Prcc.

sobreocupação produzida pela representação-palavra. Essa hipótese não é mantida por muito tempo. Como veremos, em *O eu e o isso*, ela é abandonada.

No *Projeto...*, já estava presente a ideia de que seria a associação com as representações-palavra que tornaria uma representação suscetível de se tornar consciente. Desde esse texto, era possível inferir que o psíquico suscetível de consciência corresponderia às representações associadas a palavras e que o insuscetível de consciência corresponderia às representações não associadas a essas. Contudo, apenas nos artigos metapsicológicos, Freud explica que seria a sobreocupação produzida pela palavra que permitiria a substituição do processo primário pelo secundário.

Em suma, Freud mantém, nos artigos metapsicológicos, a identificação entre processo secundário e pré-consciente e entre processo primário e inconsciente, mas ele acrescenta que é a constituição das representações-palavra que faz surgir essa diferenciação. Ele explicita também a hipótese de que o conteúdo do Prcc consiste em representações-coisa associadas a representações-palavra, ao passo que o conteúdo do Icc consiste em representações-coisa somente.

No capítulo 7, Freud havia afirmado que o processo secundário se sobreporia ao primário, mas uma parte do material psíquico permaneceria como processo primário, devido ao estabelecimento tardio do processo secundário. Portanto, ambos os processos coexistiriam, embora o último predominasse sobre o primeiro no funcionamento normal de vigília. Parte as moções de desejo que nunca chegaram a integrar o Prcc – e que constituiriam o “núcleo do Icc” – seriam desprazerosas do ponto de vista do Prcc e esta seria a pré-condição para a repressão. Elas tentariam continuamente ingressar no Prcc e, em alguns casos, conseguiriam ocupar uma representação desse sistema, a qual se tornaria também desprazerosa, devido ao seu enlace associativo com a representação inconsciente. Como consequência, a ocupação pré-consciente de tal representação seria retirada, de forma que a mesma seria excluída dos processos secundários. Nisso consistiria o essencial do mecanismo da repressão: a retirada da ocupação pré-consciente de uma representação, o que faria com que esta voltasse a ser incluída no processo primário e permanecesse insuscetível de consciência. Dessa forma, o Icc seria constituído pelas representações que nunca foram pré-conscientes – as quais formariam o seu núcleo – e pelas representações reprimidas, isto é, aquelas que foram excluídas desse sistema. Freud mantém essas mesmas hipóteses nos artigos metapsicológicos, mas lhes acrescenta alguns novos elementos.

Em primeiro lugar, ele esclarece que essas moções de desejo que compõem o núcleo do Icc são as pulsões ou os *representantes de pulsão*. Em segundo lugar, ele introduz o conceito de *repressão primordial* (*Urverdrängung*): aquele material psíquico que constituiria o núcleo do Icc teria sido alvo da repressão primordial e esta seria condição para a *repressão propriamente dita*, como é chamado em 1915, o que era designado *repressão*, no capítulo 7. Em terceiro lugar, Freud introduz a noção de *contraocupação* para explicar e distinguir o mecanismo dos dois tipos de repressão.

Na terceira parte de *Sobre um caso de paranóia descrito autobiograficamente*, de 1911, há uma descrição da repressão muito próxima daquela presente no artigo metapsicológico sobre a repressão, de 1915. Ali, Freud diferencia entre três fases da repressão. Na primeira etapa, ocorreria uma *fixação*, ou seja, uma inibição do desenvolvimento de uma pulsão e a consequente permanência de tal pulsão em um estado mais infantil. Nesse caso, diz Freud (1998b): “a corrente libidinal respectiva se comporta a respeito das formações psíquicas posteriores como uma que pertença ao sistema do inconsciente, como uma reprimida” (p.62). Essa primeira etapa da repressão seria pré-condição para a ocorrência da *repressão propriamente dita*, que corresponderia à segunda etapa da repressão. Esse último tipo de repressão partiria dos sistemas suscetíveis de consciência e se voltaria contra os derivados psíquicos daquelas pulsões fixadas. Quando essas últimas pulsões, devido ao seu fortalecimento, conseguissem se infiltrar nos sistemas conscientes, surgiria um conflito entre elas e as pulsões de acordo com o eu, o qual acabaria levando à repressão. Freud discrimina ainda uma terceira fase da repressão, que consistiria no *retorno do reprimido*, devido ao fracasso da repressão, o que teria como consequência a regressão do desenvolvimento libidinal.

No artigo metapsicológico “A Repressão” (1915), essa descrição exposta no caso Schreber é retomada e Freud nomeia a primeira etapa da repressão *repressão primordial*. A fixação da pulsão, mencionada em 1911, seria um resultado de tal repressão. Com isso, é estabelecida uma diferenciação entre a *repressão primordial* e a *repressão propriamente dita*. Essa última consistiria na retirada da ocupação pré-consciente de uma representação à qual o representante de pulsão se tivesse associado. A ocupação subtraída seria aquela da representação-palavra, de forma que a representação reprimida seria uma representação-coisa, cujo vínculo com a palavra tivesse sido desfeito (no caso da repressão propriamente dita) ou uma representação-coisa que nunca tivesse tido esse vínculo estabelecido (no caso da repressão primordial). Essa hipótese estava implícita na teoria desde o *Projeto...*, mas é explicitamente apresentada apenas em 1915. No artigo metapsicológico sobre o inconsciente, Freud afirma:

Agora podemos formular de maneira precisa isso que a repressão, nas neuroses de transferência, recusa à representação rechaçada: a tradução em palavras (...) A representação não apreendida em palavras, ou o ato psíquico não sobre-ocupado, fica para trás, no interior do Icc, como algo reprimido. (Freud, 1982e, p.160)

Dessa forma, apenas a partir dos artigos metapsicológicos, é possível afirmar que o sistema Icc é constituído pelo reprimido: pelo reprimido primordial e pelo reprimido propriamente dito. No capítulo 7, já estava presente a hipótese de que o núcleo do Icc seria constituído por representações que nunca se tornaram pré-conscientes, mas não havia ainda o conceito de repressão primordial. Apenas as representações rechaçadas do Prcc eram consideradas como tendo sido reprimidas e, portanto o reprimido seria apenas uma parte do sistema inconsciente. Em 1915, Freud introduz também a hipótese de que as representações alvo da repressão primordial são os *representantes de pulsão*. No capítulo 7, estas eram chamadas de *moções de desejo*.

As formulações finais sobre o conceito de inconsciente

No texto, de 1920, *Além do princípio do prazer*, Freud argumenta que há um funcionamento psíquico que antecede aquele regido pelo princípio do prazer. Tal funcionamento consistiria em uma compulsão à repetição e teria a função de ligar a excitação e, assim, preparar o terreno para que o princípio do prazer se tornasse dominante.

Com a introdução da compulsão à repetição, uma das características atribuídas ao sistema inconsciente na primeira tópica deixa de pertencer a esse sistema ou ao processo primário: a regulação exclusiva pelo princípio do prazer. As demais características anteriormente atribuídas ao sistema inconsciente são mantidas, uma vez que elas resultariam, em última instância, do estado livre da excitação e que, em 1920, Freud não abandona a identificação entre o sistema inconsciente e o processo primário. Nas últimas páginas de *Além do princípio do prazer*, Freud afirma que os processos primários obedeceriam primariamente ao *princípio de Nirvana*. Assim, funcionamento regido unicamente por este último princípio consistiria em uma compulsão à repetição.

O sistema inconsciente sempre foi pensado como aquele que conteria, por um lado, representações desde a origem inconscientes e, por outro lado, representações que pertenceram ao processo secundário, mas foram reprimidas. Às primeiras teria sido negada a possibilidade de ligação e, às segundas, a possibilidade de permanecer incluídas nos processos ligados. Essas representações teriam, então, sido condenadas a se repetirem indefinidamente; elas nunca perderiam suas intensidades, motivo pelo qual Freud afirma que os conteúdos do inconsciente são indestrutíveis. No inconsciente, o funcionamento repetitivo não poderia ser ultrapassado, a menos que suas representações fossem incorporadas aos processos secundários. Nesse sentido, parece ser possível afirmar que, desde a primeira tópica, era possível atribuir aos processos inconscientes um caráter repetitivo. No capítulo 7 e nos artigos metapsicológicos, já estava presente o pressuposto de que no inconsciente tudo se repetiria, com exceção daquilo que fosse capaz de produzir desprazer. A partir de 1920, essa exceção é deixada de lado: os processos primários, ou inconscientes, não podem fazer outra coisa a não ser voltar a ocupar caminhos estabelecidos anteriormente, os quais poderiam conduzir tanto ao prazer como ao desprazer. Isso, na verdade, é uma consequência necessária para um sistema constituído *por vias facilitadas de uma vez por todas*, como diz Freud no capítulo 7, referindo-se ao *Icc*.

A teoria freudiana sobre o inconsciente assume sua configuração final em *O Eu e o Isso*, publicado em 1923. Nesse texto, Freud retoma suas concepções prévias com o objetivo de expor seus limites e a necessidade de repensá-la e elabora segundo teoria do aparelho psíquico. Não se trata da substituição de uma tópica por outra, mas sim da superposição de novas instâncias sobre as antigas e da expansão do campo psíquico insuscetível de consciência.

No início de *O Eu e o Isso*, Freud afirma que a divisão do aparelho entre inconsciente, pré-consciente e consciente revelou-se insuficiente na prática. Os fatos mais significativos que atestaram essa insuficiência teriam sido aqueles relacionados ao *eu*. Nos artigos

metapsicológicos de 1915, ficara claro que não era possível encaixar o eu em nenhum dos sistemas psíquicos até então definidos; suas funções pareciam estar distribuídas entre as três instâncias. Essa dificuldade de inserir o eu no modelo da primeira tópica seria, segundo o autor, umas das evidências mais importantes a respeito da insuficiência da sua primeira concepção sobre o aparelho do aparelho.

O sistema pré-consciente sempre fora pensado como a instância que governaria o acesso à motilidade e da qual dependeria o acesso à consciência. A função da repressão também fora concebida como sendo exercida pelo Prcc. Tanto o ato da repressão como a manutenção do reprimido, que se manifestaria como resistência, seriam processos pré-conscientes. Em 1923, Freud reconhece que há algo de errado nessas suposições, pois a repressão e a resistência devem ser reconhecidas como processos que ocorrem de forma inconsciente. Trata-se, diz ele, de processos que são inconscientes da mesma forma como o é o reprimido, ou seja, que externalizam afetos intensos sem se tornarem conscientes. Em suma, trata-se de processos que, embora sejam capazes de exercer efeitos na consciência, são em si mesmos insuscetíveis de consciência. Com isso, coloca-se um problema: algumas das funções atribuídas ao sistema pré-consciente são insuscetíveis de consciência, logo, é necessário reconhecer que nem todo processo secundário tem acesso à consciência.

A solução encontrada por Freud para solucionar esse impasse é descartar os conceitos de sistema inconsciente e pré-consciente. O termo inconsciente passa, então, a ser usado para designar apenas insuscetibilidade de consciência e essa característica passa a ser atribuída também a uma parte do processo secundário. Dessa forma, a partir de então, por *inconsciente* designa-se o psíquico insuscetível de consciência: ativo, capaz de agir sobre a consciência, porém incapaz de se tornar consciente. Por *pré-consciente*, designa-se o suscetível de consciência: aquela parte do psiquismo que não poderia ser ativada sem se tornar consciente. Tais termos passam, assim, a designar apenas qualidades psíquicas.

Com essas modificações introduzidas em *O Eu e o Isso*, a parte da mente insuscetível de consciência torna-se mais ampla do que aquela regida pelo processo primário, e a sua parte suscetível de se tornar consciente torna-se mais restrita que aquela regida pelo processo secundário. Se pensamos na primeira tópica em sua relação com a segunda, é como se o processo primário – que correspondia ao sistema inconsciente – se convertesse no Isso e seu vínculo com o pulsional fosse explicitado, e o processo secundário – que correspondia ao Prcc – passasse a corresponder ao Eu. A relação do Supereu com os dois tipos de processos não é plenamente esclarecida por Freud. Tal instância parece apresentar características de ambos os processos. A diferença principal que emerge nesse momento da teoria é a desvinculação entre o processo secundário e a suscetibilidade de consciência. Portanto, trata-se da superposição das novas instâncias às antigas e da expansão do campo do psíquico insuscetível de consciência. Com essas modificações, apenas o sentido *dinâmico* de inconsciente, tal como Freud o definira em 1912, é mantido, sendo o sistemático abandonado. Ainda na primeira parte de *O Eu e o Isso*, Freud anuncia a novidade:

Reconhecemos que o Icc não coincide com o reprimido; continua sendo correto que todo reprimido é Icc, mas nem todo Icc é, por sê-lo, reprimido. Também uma parte do eu, Deus sabe quão importante, pode ser icc, é seguramente icc. E este Icc do eu não é latente no sentido do Prcc, pois se assim fosse não poderia ser ativado sem se tornar consciente, e o torná-lo consciente não encontraria dificuldades tão grandes. Visto que nos vemos constrangidos a estabelecer um terceiro Icc, não reprimido, devemos admitir que o caráter da inconsciência perde significação para nós. Passa a ser uma qualidade multívoca, que não permite as amplas e excludentes conclusões a que havíamos querido aplicá-la. (Freud, 1998c, p. 287)

Em 1923, Freud reconhece a possibilidade do aparelho conter memórias hereditárias – hipótese esta que já havia sido mencionado em textos anteriores –, as quais resultariam de vivências do eu que, por se terem repetido com freqüência e também devido a sua intensidade, teriam sido transpostas em impressões no Isso e passado a ser transmitidas por herança. Talvez essas memórias herdadas correspondam parcialmente ao reprimido primordial de que Freud falara em 1915.

Outra modificação presente em *O eu e o isso* é que o processo secundário deixa de ser pensado como emergindo a partir da constituição das representações-palavra. Com isso, tal processo volta a ser pensado de forma semelhante ao *Projeto...* De acordo com esse texto, o surgimento do processo secundário não dependeria da constituição das palavras e apenas parte do processo secundário conteria tais representações. No entanto, em 1923, é mantida a suposição de que seria a associação com a palavra que tornaria um processo suscetível de consciência (ou pré-consciente), de forma que o que é deixado de lado, nesse momento, é o pressuposto de que todo processo secundário envolveria necessariamente representações-palavra ou resultaria do surgimento destas.

Considerações finais

No *Projeto...*, o conceito de psíquico inconsciente começa a ser formulado. Aparece aí noção de inconsciente “dinâmico”, tal como Freud a define em 1912. Na carta 52 e no capítulo 7 de *A Interpretação dos sonhos*, Freud introduz a concepção de inconsciente em sentido sistemático. Nos artigos metapsicológicos de 1915, o vínculo existente entre as representações-palavra e o processo secundário é elucidado e a hipótese do reprimido primordial é introduzida. Em *Além do princípio do prazer*, Freud esclarece que o processo primário, que constitui o sistema inconsciente, é rígido, ao menos em parte, por um princípio que antecede o princípio do prazer, tal como este havia sido pensado desde 1900. Em *O Eu e o Isso*, outro passo é dado no desenvolvimento do conceito de inconsciente: Freud reconhece que a parte do psiquismo inconsciente e insuscetível de consciência não se restringe àquela parte correspondente ao sistema inconsciente da primeira tópica, isto é, não se restringe ao processo primário. O campo mental insuscetível de consciência seria mais amplo do que o conjunto formado pelo reprimido primordial e pelo reprimido propriamente dito. Diante disso, a divisão do aparelho em inconsciente, pré-consciente e

consciente é abandonada. Podemos dizer que o último passo na elaboração da noção de inconsciente consistiu em abandonar sua acepção sistemática e em estender o domínio do mental insuscetível de consciência para além do processo primário.

Diante desse recorrido, é possível perceber que o inconsciente é uma noção complexa que se reveste de diversos significados no contexto da obra de Freud, significados estes que, por sua vez, derivam das articulações internas que a teoria estabelece com outras noções metapsicológicas, cuja formulação e reformulação constantes balizam o desenvolvimento do pensamento de Freud.

Referências bibliográficas:

- BRITTON, R. 2003. *Sex, death and the superego: experiences in psychoanalysis*. London: Karnac Books.
- CAROPRESO, F. 2016. “O instinto de morte segundo Sabina Spielrein”. In: *Psicologia USP*, 27 (3).
- CAROPRESO, F. 2008. *O nascimento da metapsicologia: representação e consciência na obra inicial de Freud*. São Carlos: Edufscar.
- _____. 2010. *Freud e a natureza do psíquico*. São Paulo: AnnaBlume.
- _____. 2016. “Representação e consciência na metapsicologia freudiana”. In: *Revista Dois Pontos*, 13 (3).
- _____. 2018. A natureza do psíquico para Freud. In: Vasconcelos, C. (Org.). *Ontologia e psicanálise: diálogos possíveis*. São Paulo: DWWe.
- FREUD, S. 1891. *Zur Auffassung der Aphasien: eine Kritische Studie*. Leipzig: Franz Deuticke.
- _____. 1982a. “Die Traumdeutung”. In: *Sigmund Freud Studienausgabe*, v. 2. Frankfurt: Fischer.
- _____. 1982b. “Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse”. In: *Sigmund Freud Studienausgabe*, v. 3. Frankfurt: Fischer.
- _____. 1982c. “Triebe und Tribschicksale”. In: *Sigmund Freud Studienausgabe*, v. 3. Frankfurt: Fischer.
- _____. 1982d. “Die Verdrängung”. In: *Sigmund Freud Studienausgabe*, v. 3. Frankfurt: Fischer.
- _____. 1982e. “Das Unbewusste”. In: *Sigmund Freud Studienausgabe*, v. 3. Frankfurt: Fischer.
- _____. 1982f. “Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre”. In: *Sigmund Freud Studienausgabe*, v. 3. Frankfurt: Fischer.
- _____. 1982g. “Jenseits des Lustprinzips”. In: *Sigmund Freud Studienausgabe*. Frankfurt: Fischer.
- _____. 1982h. “Die Verneinung”. In: *Sigmund Freud Studienausgabe*, v. 3. Frankfurt: Fischer.
- _____. 1998a. “Fragmentos de la correspondencia com Fliess”. In: *Sigmund Freud Obras Completas*, v.1. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- _____. 1998b. “Pontualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente”. In: *Sigmund Freud Obras Completas*. v. 12. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- _____. 1998c “El yo y el ello”. In: *Sigmund Freud Obras Completas*, v. 14. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- _____. 1998d. “Esquema del psicoanálisis”. In: *Sigmund Freud Obras Completas*, v. 23. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- _____. 2003. “Projeto de uma Psicologia”. In: O. F. Gabbi. *Notas a “Projeto de uma Psicologia”*. Rio de Janeiro: Imago.

- JACKSON, J.H. 1958. "Evolution and dissolution of the nervous system" In: J. Taylor (ed.). *Select Writings of John Hughlings Jackson*. New York: Basic Books.
- LAPLANCHE, J. 1992. *Problemáticas IV: O Inconsciente e o Id*. São Paulo: Martins Fontes.
- SIMANKE, R. T. 2006. "Cérebro, percepção e linguagem: elementos para uma metapsicologia da representação em Sobre a concepção das afasias". In: *Discurso*, 36.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.